

O EMPREENDEDORISMO RURAL E A POLÍTICA DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL EM PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS NA REGIÃO DE ARARAQUARA

Janaína de OLIVEIRA¹

Introdução

Este trabalho se propõe a apontar transformações ocorridas sobre as pequenas produções, seja pela difusão da tecnologia, seja por efeitos da política de capacitação profissional. Pretende-se, por outro lado, mapear as modalidades na contratação de força de trabalho no meio rural na da **região de Araraquara**.

A região de Araraquara está compreendida dentro da antiga divisão agrícola de Ribeirão Preto e é tida como de vocação agrícola. Embora a região apresente grandes complexos agrícolas principalmente a cultura da cana-de-açúcar e da laranja, a região é apontada como das principais do país em vocação para pequenas empresas agroindustriais.

Pensar esta vocação agrícola da região, nos grupos de pequenos produtores e na presença de pequenos e médios agricultores autônomos é que permite a compreensão que a região se constitui num importante laboratório de pesquisa para o estudo de pequenos empreendimentos rurais e seus nexos aos cursos de capacitação profissional e qualificação rural.

É possível confirmar uma linha de intervenção positiva para estes produtores que valorizam os territórios e passam a desempenhar funções integradoras para o do processo produtivo. Para tanto, as políticas públicas deveriam contemplar o conjunto dos atores e divulga-las para a comunidade. Entre tais medidas encontram-se facilitações para insumos e estruturas necessárias à produção e incentivos à melhoria da infra-estrutura física, social e econômica. Como exemplo: Economia Solidária e formação dos **Arranjos Produtivos Locais - APLs**, dos sistemas locais de inovação e política de capacitação e profissional.

Fundamentação Teórica

Neste estudo de caso iniciativas desenvolvidas pelo **SEBRAE** e por outros programas destinados a pequenos e médios empreendedores rurais, visam a ampliação e a realização de cursos capacitação profissional e criação de mercados. Um outro fator é que esses conhecimentos adquiridos por esses programas sejam incorporados por tais atores e utilizados localmente.

Há exemplos de algumas produções que têm uma organização totalmente familiar e obtiveram suporte técnico e profissional para obter conhecimentos de gerenciamento e organização destas empresas, e estes cursos foram oferecidos pelo SEBRAE através do Sindicato Rural (CAMPOS, 1997). Muitos desses cursos partiram da iniciativa dos próprios

¹Graduanda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Bolsista de iniciação científica do CNPq/PIBIC sob orientação da Prof^a Dr^a Leila de Menezes Stein, e membro do GT- Trabalho e Trabalhadores. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901- janalive@gmail.com

produtores que enviaram alguns esboços ao SEBRAE ou ao ITESP. Essa procura muitas vezes está contida na preocupação de inovar a produção ou buscar um conhecimento de uma cultura que antes dos cursos seria inviável plantar.

A capacitação profissional é desenvolvida pelo SEBRAE por meio do programa específico para o meio rural (SAI – Sistema Agroindustrial Integrado), quanto pelo SENAR (Serviço de Aprendizagem Rural), ou por iniciativas locais, quer por meio do sistema público municipal, das “casas da lavoura”, ou mesmo por livre iniciativa de organizações de pequenos produtores. É importante observar, conforme Campos (1997) que todos esses programas têm em comum o investimento em formação e capacitação profissional, através da informação, do conhecimento e do acesso a este. Informações sobre sistema cooperados e troca de saberes e conhecimento.

Segundo Abramovay (2003), deve haver uma preocupação para que a mão-de-obra liberada por tais aprimoramentos seja incorporada a novos empreendimentos, o que deveria ser uma marca do desenvolvimento local.

Da troca coletiva e do encontro entre empreendedores pode surgir uma propensão à inovação, em que este conhecimento dentro da política industrial tem valor, desde que gerado pela conversão de linguagens científico - tecnológicas em instrumentos práticos. Na verdade são itens importantes e conhecidos que circulam nas redes globais, onde os saberes práticos-contextuais devem ser utilizados no âmbito local. Os valores e conhecimentos adquiridos devem ser interpretados e utilizados de um modo que venham suprir a necessidades do empreendedor, ou seja, aprimoramento de sua produção local.

Objetivos

- Estudar a importância e presença de pequenos e médios produtores agricultores autônomos na Região de Araraquara.
- Construir um banco de dados conciso e amplo a partir das pesquisas de campo e através de entrevistas, como por exemplo, aquelas realizadas via SEBRAE.
- Entender o processo de expansão dos programas de capacitação e qualificação profissional para pequenos e médios produtores autônomos e as modalidades de contratação de força de trabalho.
- Estudar os padrões da informalidade entre os pequenos e médios produtores, que no Brasil de uma maneira geral representa significativa importância econômica e a dificuldade destes empreendimentos de se regularizarem no mercado.

Metodologia

O objeto de investigação consiste em uma verificação quantitativa que permita a produção de algumas estatísticas para caracterizar os pequenos produtores autônomos. Selecionamos um rol de 5 produtores rurais para cada uma das regiões e municípios da investigação. Quanto aos dados qualitativos necessários o levantamento de documentos e de fontes primárias de informação, assim como completar o levantamento da literatura e de estudos disponíveis.

O método principal utilizado neste trabalho até o momento consistiu em importantes e valorosas discussões do Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores, por meio destas, indicações de leituras para construir uma fundamentação teórica e revisão bibliográfica indicado no projeto na qual os temas estão circunscritos dentro da temática de investigação do grupo de pesquisa. Por outro lado, a segunda fase tem uma consistência mais dinâmica com entrevista e a ida a **campo**, o que vai possibilitar a elaboração de um caderno de campo.

Resultados e discussões

Os modelos já descritos acima para ampliação de conhecimento e cooperação vêm sendo implementado com sucesso pela União Européia, mas com um diferencial porque se destinam ao desenvolvimento de parques produtivos no meio urbano em que seus atores sociais se engajam em projetos competitivos e ocupam nichos produtivos vazios. Tais iniciativas propiciaram um amplo crescimento local, onde podem ser citados os distritos industriais italianos – que são denominados Terceira Itália - possibilitados porque algumas cidades souberam aproveitar os benefícios das pequenas e médias empresas e obtiveram um crescimento equilibrado, equipado e fortemente ligado a processos de interações com áreas rurais.

A situação descrita como políticas de desenvolvimento local e manutenção da cooperação e da troca de informação podem ser destacadas dentro do modelo italiano das redes de pequenas e médias empresas porque possibilitam a reativação dos saberes contextuais e competências profissionais. Muitas vezes são artesãos e produções artesanais (COCCO; URANI; GALVÃO, 2002).

Coube ao governo local papel decisivo ao propiciar flexibilização de leis, normas fiscais e incentivos aos investimentos que favorecessem a pequena e média empresa, estímulos a sindicatos e associações patronais, ao invés de beneficiar o modelo convencional de empreendimentos e de incentivos a grandes empresas. Nesses termos, pode-se afirmar que em um ambiente onde exista cooperação entre empresas nos sentidos mais amplos na troca de informação, com a preocupação na formação de trabalhadores e a implantação de serviços necessários para o funcionamento e com a qualidade de vida em uma dada região é uma das bases que pode ser considerada essencial para esse processo de desenvolvimento territorial, que se apóia também na formação de uma rede de atores trabalhando para a valorização do ambiente e, é esta rede que permite a existência de certa dinâmica de **concorrência-emulação-cooperação** entre empresas e pessoas da região (ABRAMOVAY, 2003).

Conclusões

Contudo, é necessário lembrar que esse novo tipo de empreendedorismo tem alguns particularismos sociais, culturais, principalmente econômicos e políticos característicos de cada região pautados na manutenção de padrões de equilíbrio entre cooperação e conflito.

O desenvolvimento local demonstra que os arranjos subentendidos e institucionais permitem a criação das condições ambientais de proliferação de novas figuras empresariais, podendo ser interpretado como a maneira de os trabalhadores se promoverem por ações empreendedoras através de ligações com outros trabalhadores. É de extrema **importância** a

articulação de políticas de **caráter transversal**, na qual permite formidável parceria de diferentes atores públicos e privados: governos municipais, estaduais e instituições de apoio técnico à atividade produtiva. Podem ser citados como exemplo, a agência local do SEBRAE - nesse contexto de pequenos produtores rurais este tem maior importância, devido as suas políticas de capacitação profissional e outros planos.

Estas são as linhas de investigação do projeto de pesquisa a que estou vinculada. Este projeto vem sendo desenvolvido pelo Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores e terá uma segunda fase de verificação empírica, com aplicação de questionários e entrevistas para construir banco de dados que possibilite produzir um caderno de campo. Essa pesquisa de campo será realizada na região de Araraquara.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003

CAMPOS, R. L. S. **Capacitação Rural**: o caso do SAI – Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE/SP – Módulo de Araraquara. Araraquara: UNESP, 1997. Projeto de Pós-doutorado, aprovado pela FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, em maio de 1997.

COCCO, G.; URANI, A.; GALVÃO, A. P. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: o caso da Terceira Itália. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAMOVAY, R.. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 379-397, abr./jun. 2000.

BAGNASCO, A. **La Construzione sociale del mercato**. Studi sulli sviluppo di Piccola Impresa in Italia. Bologna: Il Mulino, 1988.

BARBOSA, G.R. **Os consórcios de produtores rurais no complexo agroindustrial citrícola paulista**: das Gatoperativas aos Gatosórcios. São Carlos: UFSCAR, 2008. Dissertação de Mestrado.

BECATTINI, G. **Distretti industriali e Made in Italy**. Torino: Bolati-Boringhieri, 1998.

BOURDIEU, P. **Les structures sociales de l'économie**. Paris: Seuil, 2000.

COCCO, G.; GALVÃO, A.; SILVA, G. (Org.). **Capitalismo cognitivo**: trabalho, redes, inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CORIAT, B. Ohno e a escola japonesa de gestão da produção: um ponto de vista de conjunto, In: HIRATA, H. (Org.). **Sobre o Modelo Japonês**. São Paulo: EDUSP: Aliança Cultural Brasil Japão, 1993. p. 79-91

GORZ, A. **L Immateriale**: conoscenza, valore e capitale. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

PIORE, M; SABEL, C. **The second industrial divide**. New York: Basic Books, 1984

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.

RULLANI, E. **Il Postfordismo**: Idee per il capitalismo prossimo venturo. Milano: Etas, 1998.

SOUZA, D. B; SANTANA, M. A; DELUIZ, N. **Trabalho e educação**: centrais sindicais e reestruturação produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet & Comunicações, 1999.

VEIGA, J. E. **Do Global ao Local**. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.